

**REQUERIMENTO DE INFORMAÇÃO N° DE 2004
(do Sr. ALBERTO GOLDMAN)**

Solicita informações ao Sr. Ministro da Casa Civil sobre audiências e reuniões realizadas com o Sr. Delúbio Soares, nos termos do Decreto nº 4.334, de 12 de agosto de 2002.

Senhor Presidente:

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, e nos arts. 115 e 116 do Regimento Interno requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as informações a seguir listadas, sem prejuízo de outras julgadas pertinentes, ao Sr. Ministro da Casa Civil:

- 1)Solicito listagem contendo datas e horários em que o Sr. Delúbio Soares foi atendido em audiência na Casa Civil da Presidência da República.
- 2)Nomes dos servidores públicos ou militares que acompanharam as audiências do Sr. Delúbio.
- 3)Nomes das autoridades que receberam o Sr. Delúbio.
- 4)Listagem dos respectivos assuntos abordados nas audiências.
- 5)Cópias de todos os registros das audiências realizadas com o Sr. Delúbio no âmbito da Presidência da República.
- 6)O Decreto de 12 de agosto de 2002 foi revogado?

JUSTIFICAÇÃO

O Decreto nº 4.334, de 12 de agosto de 2002, disciplina as audiências concedidas a particulares por agentes públicos em exercício na Administração Pública Federal direta, nas autarquias e fundações públicas federais, e define “particular todo aquele que, mesmo ocupante de cargo ou função pública, solicite audiência para tratar de interesse privado seu ou de terceiro”.

Esse Decreto estabelece, entre outras normas, que as audiências terão sempre caráter oficial, ainda que realizadas fora do local de trabalho, devendo o agente público estar acompanhado por pelo menos outro servidor e manter registro específico das audiências, com a relação das pessoas presentes e os assuntos tratados.

O jornal “O Globo”, de 14 de março do corrente, publicou matéria sob o título “O petista que faz acordos em nome do governo”:

“O ex-professor de matemática Delúbio Soares não tem cargo no governo, mas a condição de secretário nacional de Finanças e Planejamento do PT e ex-tesoureiro da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva lhe dá credenciais de ministro de Estado em gabinetes país afora. É o que acontece, por exemplo, em seu estado natal, Goiás, onde Delúbio faz acordos em nome do governo federal, negocia ações parlamentares e indica parentes para cargos públicos. Chegou a enterrar uma CPI na Assembléia Legislativa e agora articula o apoio do governador Marconi Perillo (PSDB) à reeleição do prefeito Pedro Wilson (PT). Delúbio participou ativamente da renegociação da dívida da Companhia Elétrica de Goiás (Celg) com o sistema Eletrobrás/Furnas/Itaipu. Pelo acordo, fechado em janeiro, a companhia goiana terá 18 anos para pagar R\$ 1,081 bilhão.

Charutos e casa nos Jardins - Aos amigos mais íntimos, o tesoureiro do PT confidenciou que pretende concorrer a uma vaga no Senado pelo estado em 2006. Caso consiga, será o coroamento da trajetória do menino pobre, filho de pecuaristas semi-analfabetos de Buriti Alegre, no interior do estado, que se mudou para Goiânia aos 15 anos, em 1972, para fazer o colegial e falsificava carteirinhas da Universidade Federal de Goiás para poder comer de graça no restaurante universitário.— Comer no restaurante universitário foi uma das minhas grandes alegrias daquela época. Por muito tempo só tive dinheiro para o almoço — recorda Delúbio. Mesmo que não consiga se eleger senador por Goiás, Delúbio não tem do que reclamar. Dos tempos das carteirinhas falsificadas e cachaça barata nos botequins goianienses até os dias de hoje, os únicos traços restantes foram o sotaque caipira e o gosto pela música sertaneja. Delúbio foi o responsável por levar os goianos Zezé Di Camargo e Luciano para a campanha de Lula. Com salário de R\$ 5 mil pago pelo PT, Delúbio mantém hábitos caros como o gosto pelos charutos cubanos Cohiba, restaurantes finos e ternos bem cortados, além de um apartamento no elegante bairro dos Jardins, em São Paulo, e uma confortável casa em Goiânia, cidade que visita pelo menos uma vez por mês.

Defesa enfática do amigo Dirceu - Na semana retrasada, a revista “Época” mostrou que Delúbio ajudou a liberar uma verba de R\$ 250 mil para a Santa Casa local e um empréstimo de R\$ 3,5 milhões para o frigorífico Avibal, pertencente ao amigo Adalberto Martins, o Betinho.— Não liberei emenda alguma, só orientei o que eles tinham que fazer para conseguir as coisas que estavam paradas no governo desde antes de assumirmos — defende-se.

Em entrevista ao GLOBO em Goiânia, na última quinta-feira, no entanto, admitiu que interveio junto ao superintendente do Banco do Brasil em Goiás em favor do amigo Betinho.— Encontrei com ele em um evento em que também estava o Lula e perguntei sobre o financiamento do frigorífico. Ele disse que já sabia e que só não havia liberado a verba porque o dinheiro acabou. Depois disso, nunca mais toquei no assunto — afirmou.

A trajetória política de Delúbio começou no fim dos anos 70, paralelamente à de Lula. Enquanto o presidente incendiava o ABC, Delúbio, já formado em matemática pela UFG e professor de desenho geométrico no Liceu de Goiânia, fazia as primeiras greves de professores do estado.

Daí até a presidência da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em Goiás e à liderança do partido no estado foi um pulo. Ele lembra que em 1982, para instalar o partido no estado, era preciso lançar candidatos em 30% dos

municípios. Assim, voltou à sua cidade natal, arregimentou 80 filiados e lançou uma chapa com prefeito, vice e três vereadores. No total, conseguiu 48 votos. A candidata mais votada foi sua irmã, Delma, então com 18 anos recém completados.— Tive 18 votos — lembra Delma.

Em 1986, Delúbio foi candidato a deputado federal e teve módicos oito mil votos.— Naquele tempo oito mil votos para o PT era voto demais — recorda Delúbio.

Depois disso, nunca mais se candidatou, mas escalou a trilha interna da burocracia do PT e da CUT. Desde 1986, só ficou fora da executiva nacional do partido durante dois anos, no período em que o PT foi liderado pelas correntes de esquerda. Ele pertence à corrente majoritária, chefiada pelo ministro da Casa Civil, José Dirceu, a quem é ligado.

— Acho que o fracasso eleitoral fez com que ele preferisse o caminho interno, dos bastidores — arrisca o ex-prefeito e ex-petista Darci Accorsi.

Segundo Accorsi, uma das explicações para o sucesso de Delúbio é a facilidade de dialogar com os mais diversos segmentos do espectro político.

— Para ele, todo mundo era igual. Desde a Libelu até o governo — disse Accorsi.

Esse foi um dos motivos que o levaram a se aproximar do ministro José Dirceu, de quem foi homem de confiança durante quase uma década.

— Convivi com o Zé Dirceu quase que integralmente de 1995 até a posse do Lula. Hoje nos vemos ocasionalmente. Mas gosto muito, muito dele. Tanto que chego a sentir na pele o que estão fazendo com ele — diz o amigo Delúbio.

Outro motivo foi a facilidade com os números, conseguida graças à experiência como tesoureiro da CUT e conselheiro da central no Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).— Delúbio é um tesoureiro profissional — disse um ex-aliado que não quis se identificar.

Ligaçāo direta com Planalto - Com 48 anos, integra, ao lado do secretário de Organização, Sílvio Pereira, e do presidente do PT, José Genoino, o núcleo de poder petista ligado diretamente ao Palácio do Planalto. É casado com Mônica Valente, secretária de Gestão Pública da prefeitura de São Paulo.

Embora desempenhe funções em São Paulo há quase 20 anos, nunca se desligou de Goiânia.— Na verdade nunca saí daqui. Venho uma vez por mês ou a cada 15 dias. Sempre com objetivos políticos — disse.

O antigo grupo de professores grevistas sobre o qual mantém a ascendência política está no topo do poder na cidade desde a eleição do petista Pedro Wilson. O principal deles é Osmar Magalhães, secretário de Governo e homem forte da prefeitura. Outra é a deputada Neyde Aparecida, que comandou a Comurg, empresa estatal de coleta de lixo, antes de se eleger com 80 mil votos. A empresa chegou a ser alvo de uma CPI em Goiás devido a ligações suspeitas com a Emurb, que também presta serviços à prefeitura de São Paulo.

Com tal influência, Delúbio conseguiu emplacar o irmão, Carlos Soares, na Comurg. Agora, Carlão, como é conhecido, pretende se lançar candidato a vereador, com a ajuda do irmão poderoso.

Costura com tucanos goianos - Delúbio está empenhado em fechar uma aliança entre o PSDB e o PT goiano. Para isso, faz a intermediação para a liberação de verbas federais para o governo Marconi Perillo. Também participou da renegociação da dívida de R\$ 1 bilhão da Companhia Elétrica de Goiás com a

rede Eletrobrás, o que evitou a federalização da companhia.

Na semana passada, partiu de Delúbio telefonema decisivo que enterrou a CPI da Gerplan, empresa que geria as loterias estaduais. Havia o receio de que uma CPI investigando loterias na terra de Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira, bicheiro envolvido no caso Waldomiro Diniz, resvalasse em Lula. — Trabalhamos para caramba para enterrar essa CPI. Nós e eles (os tucanos) — admite Delúbio.

Em 2002, quis ser candidato a deputado pela segunda vez, mas foi impedido por Lula.— Lula exigiu que eu e o Celso Daniel (prefeito de Santo André, assassinado em 2002) abandonássemos tudo para ficarmos só com a campanha — disse Delúbio.

Em 6 de janeiro de 2003, os oito mil habitantes da pequena Buriti Alegre viram uma demonstração do poder de seu filho ilustre. Três aviões e um ônibus levaram para a festa de Santo Reis, organizada há décadas pela mãe de Delúbio, autoridades e celebridades, incluindo os governadores Marconi Perillo (Goiás) e José Orcírio, o Zeca do PT (Mato Grosso do Sul), além do publicitário Duda Mendonça e do presidente do PL, Waldemar Costa Neto. A renda foi para obras de caridade.— Ajudo em outros lugares também. Fazíamos também muito isso quando estávamos na oposição — disse.

“Se eu puder ajudar, ajudo”. É assim que o secretário de Finanças e Planejamento do PT, Delúbio Soares, encara os pedidos que recebe dos políticos do seu estado. Na entrevista concedida em sua casa em Goiânia, não negou uma possível candidatura ao Senado em 2006. “Nem sim nem não”, respondeu. (...)

A Revista “Época”, em sua edição de 13 de março de 2004, publicou entrevista com o Sr. Delúbio, segundo a qual:

“(...) ÉPOCA - O senhor, então, sempre que vai ao palácio ou se reúne com ministros é para tratar de questões partidárias?

Delúbio - Sim. Sempre fui um militante político, quando estava na CUT, quando fui presidente do FAT ou na direção do partido. Depois de nomeado o primeiro escalão, o Silvio Pereira, o José Genoíno e eu formamos uma comissão de composição de governo. Sempre que alguém era indicado tínhamos de consultar o currículo da pessoa e conversar com os ministros. (...)

ÉPOCA - Durante o ano passado, o senhor teve cinco encontros com data marcada e dez extra-agenda com o ministro Anderson Adauto. Todos foram para tratar de nomeações?

Delúbio - O Anderson, ao longo do tempo, virou um grande amigo meu. Dentro do PL ele foi um dos maiores defensores da aliança Lula-Zé Alencar. Teve um papel muito importante quando foi presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Ganhamos o governo, ele virou ministro e mantivemos uma relação de política e amizade. Tratávamos sempre de assuntos que nos interessavam. Por exemplo, um novo perfil da malha de transportes brasileira. Discutíamos coisas assim, idéias para médio prazo. (...)

ÉPOCA - O senhor acha normal ficar levando essas idéias para ministros?

Delúbio - O ministro é um ser político. Ele discute idéias e as pessoas também podem defender idéias perante as autoridades. Falam que eu converso muito com o Zé Dirceu. Claro que converso. Eu e o Zé Dirceu assinávamos juntos

cheques da campanha, cheques do partido, durante anos e anos. A responsabilidade minha era do tamanho da dele nas finanças do partido. Se eu não tivesse várias idéias e propostas, não teria ocupado as funções que ocupei. (...)

ÉPOCA - *Em quantos ministérios o senhor já esteve?*

Delúbio - Visitei todos os ministérios. Não tenho problema de conversar com ministros. As pessoas não acham estranho quando faço reunião com o Movimento dos Sem-Terra, com a Contag, com a CUT. Acham estranho eu fazer reunião com ministro. Isso está errado. Temos de quebrar esse preconceito de que dirigente partidário não pode falar com autoridade.”

O jornal “Folha de São Paulo” de 28 de fevereiro de 2004 publicou matéria “Tesoureiro do PT fazia lobby no Planalto”, segundo a qual: “ (...) No dia 20 de agosto do ano passado, Delúbio Soares participou de uma reunião com o ministro Anderson Adauto, em uma sala contígua à do ministro da Casa Civil, José Dirceu, no 4º andar do Planalto. Antes desse encontro, nessa mesma sala, Delúbio conheceu o empreiteiro Tito Valadares Roquete Neto, vice-presidente Rodoviário do Sindicato da Indústria de Construção Pesada no Estado de Minas Gerais. (...).”

As informações que ora requeremos são fundamentais ao cumprimento de nossas atribuições constitucionais

Sala das Sessões, em _____ de _____ de 2004.

Deputado ALBERTO GOLDMAN